

Gustavo Noronha Silva

Fichamento:
Tocqueville: sobre a liberdade e a igualdade

Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES

setembro / 2003

Gustavo Noronha Silva

Fichamento:
Tocqueville: sobre a liberdade e a igualdade

Trabalho apresentado a disciplina Política II
do curso de Ciências Sociais da Universidade
Estadual de Montes Claros
Orientador: Prof. Antônio Maciel

Montes Claros
setembro / 2003

QUIRINO, C. G. Tocqueville: sobre a liberdade e a igualdade. In: WEFFORT, Francisco (Org.). *Os Clássicos da Política II*. São Paulo: Ática, 1995. p. 149-188.

O método de Tocqueville

O desenvolvimento da Democracia e a apreensão de seus princípios

“O desenvolvimento gradual da igualdade é um fato providencial e tem deste as seguintes características principais: é universal, durável, escapa dia a dia ao controle humano, e todos os acontecimentos, bem como todos os homens, favorecem o seu desenvolvimento. Seria sensato acreditar que um movimento social que vem de tão longe pudesse ser detido por uma geração?” (p. 161)

“(…) Não voltemos nossos olhos para a América para copiar servilmente as instituições que ela se concedeu (...) mas os princípios sobre os quais as constituições americanas se baseiam, estes princípios de ordem, de equilíbrio de poderes, de liberdade real, de respeito sincero e profundo ao direito, são indispensáveis a todas as repúblicas, devem ser comuns a todas e pode-se dizer de antemão que, onde eles não existirem mais, a república logo deixará de existir. (...)” (p. 162)

“Concebo então uma sociedade onde todos, encarando a lei como obra sua, a amariam e a ela se submeteriam sem constrangimento; onde, ao respeitar a autoridade do governo como necessária e não como divina, o amor dedicado ao chefe de Estado não fosse absolutamente uma paixão, mas um sentimento racional e tranqüilo” (p. 164)

“(…) Confesso que na América vi mais do que a América; nela busquei uma imagem da democracia em si mesma, de suas tendências, de suas características, de seus preconceitos, de suas paixões; desejava conhecê-la ainda que isto fosse apenas para saber o que dela devíamos esperar ou temer.” (p. 166)

É fácil perceber que Tocqueville, mais do que conhecer uma das implementações da democracia procurou identificar qual o princípio básico que cria e conduz a democracia. Fica evidente, nas citações feitas acima, a intenção de preparar conceitualmente a ciência política para a compreensão do que, ele acreditava, seria um processo iminente em todas as nações.

A situação social, os costumes e as leis

“A situação social é produzida comumente por um fato, esporadicamente pelas leis e mais freqüentemente pelas duas causas juntas; mas, uma vez que ela existe, podemos considerá-la, em si mesma, como a causa primeira da maioria das leis, costumes e idéias

que regulam a conduta das nações; aquilo que ela não produz, ela modifica.” (p. 166)

Uma outra característica que deve ser observada é a técnica utilizada por Tocqueville para chegar ao conceito de democracia: vivenciar uma experiência que deu certo, similar ao método empregado por Montesquieu, que visitou a Inglaterra onde acreditava existir um bom modelo de moderação de poderes. O diferencial no caso de Tocqueville é que ele não se prendeu às instituições e tentou descobrir, nas estranhas das relações sociais a cultura que dava sustentação à democracia.

Centralização vs. Cidadania

“Certos interesses são comuns a todas as frações da nação, tais como a formação de leis gerais e as relações do povo com os estrangeiros.

Outros interesses são específicos de algumas frações da nação, tais como, por exemplo, as empresas municipais.

Concentrar num mesmo lugar ou numa mesma mão o poder de dirigir os primeiros é estabelecer o que chamarei de centralização governamental.

Concentrar da mesma maneira o poder de dirigir os segundos é estabelecer o que chamarei de centralização administrativa.” (p. 167)

“De minha parte, não consigo conceber que uma nação possa viver, nem sobretudo prosperar, sem uma forte centralização governamental.

Mas penso que a centralização administrativa serve somente para enfraquecer os povos que a ela se submetem, pois ela tende constantemente, a diminuir entre eles o espírito de cidadania. É verdade que a centralização administrativa consegue reunir em determinada época e em um dado lugar todas as forças disponíveis da nação, mas impede a reprodução destas forças. Ela faz a nação triunfar no dia do combate e diminui seu poder com o passar do tempo. (...)” (p. 168)

A teoria de Tocqueville lembra em muitos aspectos o federalismo defendido por Hamilton, Madison e Jay. A questão da centralização versus descentralização é um desses aspectos: Tocqueville imagina o mesmo modelo defendido pelos federalistas sobre a divisão de poderes e competências entre União e os Estados, quando diz que os assuntos de interesse local devem ser tratados no âmbito local.

Ele vai além, no entanto, fazendo transparecer que as questões de caráter administrativo devem ser deixadas a cargo dos poderes que estão mais próximos do cidadão, para

induzir o sentimento de cidadania na população, que passa a ser mais ativa na decisão dos assuntos que implicam no seu dia-a-dia.

Tirania da maioria: problema e soluções

Associação: exercício de cidadania

“Uma associação consiste apenas na adesão pública que um certo número de indivíduos concede a estas ou aquelas doutrinas e no compromisso que assumem em cooperar, de uma certa maneira, para fazê-la prevalecer. O direito de se associar, desta forma, quase se confunde com a liberdade de escrever; entretanto, a associação já possui mais poder que a imprensa. (...)” (p. 170)

“Em nossa época, a liberdade de associação se tornou uma garantia necessária contra a tirania da maioria. Nos Estados Unidos, quando um partido se torna dominante, todo o poder público passa para as suas mãos; seus amigos particulares ocupam todos os empregos e dispõem de todas as forças organizadas. Quando os homens mais importantes do partido contrário não conseguem transpor a barreira que os separa do poder, é necessário que possam se estabelecer do lado de fora; (...)” (p. 170)

Talvez uma das principais características presentes em uma sociedade democrática seja a associação política. Tocqueville, como já pudemos ver, acredita muito na força da cidadania como forma de criar uma sociedade democrática e as associações são as instituições que multiplicam a força da cidadania. Essa parece ser uma das categorias mais importantes da teoria de Tocqueville e, ao mesmo tempo, talvez seja a que causa mais dúvidas, como veremos a seguir.

A justiça como contraposição da tirania da maioria

“É da essência mesmo dos governos democráticos que o domínio da maioria seja absoluto; porque, nas democracias, não há nada que resista fora da maioria.” (p. 171)

“Considero ímpia e detestável a máxima de que, em matéria de governo, a maioria do povo tem o direito de fazer tudo e, no entanto, atribuo às vontades da maioria a origem de todos os poderes. Estarei em contradição comigo mesmo?” (p. 172)

“Existe uma lei geral que foi feita, ou ao menos adotada, não somente pela maioria deste ou daquele povo, mas pela maioria de todos os homens. Esta lei é a justiça.

A justiça forma, então, o limite do direito de cada povo.

(...)

Desta forma, quando me recuso a obedecer uma lei injusta, absolutamente não nego à maioria o direito de comandar; por isso, apenas chamo de soberania popular a soberania do gênero humano.” (p. 172)

Quando se pergunta se está entrando em contradição consigo mesmo, Tocqueville está levantando uma dúvida importante. Ele aparentemente se encontra em contradição, e certamente se distancia muito dos federalistas, implicando aqui, como em outras passagens de seu texto, que não há controle eficiente para o domínio da maioria.

Tocqueville conclui que a justiça, um princípio geral da humanidade, deve ser base para uma democracia que não seja subjugada à tirania da maioria. Mais uma vez Tocqueville demonstra uma forte crença no aspecto cultural como base para a democracia, mas parece se esquecer do controle exercido pelas associações, análogo àquele exercido pelas facções descritas n’O Federalista.

Igualdade e Liberdade

A igualdade como geradora de individualismo e a liberdade

“Se nenhum diferir, então, de seus semelhantes, ninguém poderá exercer um poder tirânico; os homens serão perfeitamente livres, porque serão todos completamente iguais; e serão todos perfeitamente iguais porque serão completamente livres. É para esse ideal que se inclinam os povos democráticos.” (p. 174)

“Acho que os povos democráticos têm um gosto natural pela liberdade; entregues a si mesmos, eles a buscam, a amam e sempre julgam doloroso serem dela privados. Mas eles têm uma paixão ardente, insaciável, eterna e invencível pela igualdade; desejam a igualdade na liberdade e, se não podem obtê-la, desejam-na ainda na escravidão. Tolerarão a pobreza, a escravidão, a barbárie, mas não tolerarão a aristocracia.” (p. 175)

“À medida que as condições se equalizam, existe um número maior de indivíduos que, não sendo mais bastante ricos nem bastante poderosos para exercer uma grande influência sobre o destino de seus semelhantes, adquiriram ou conservaram no entanto, bastante saber e bens para poder se bastar a si mesmo. Não devem nada a ninguém e, por assim dizer, não esperam nada de ninguém; habituam-se a se considerar sempre isoladamente e imaginam de bom grado que seu destino está inteiramente em suas mãos.” (p. 176)

“As instituições livres que os habitantes dos Estados Unidos possuem e os direitos políticos de que fazem tanto uso lembram constantemente e de mil maneiras, a cada

cidadão, que ele vive em sociedade (...)” (p. 176)

“Nos países democráticos, são as associações que devem substituir os particulares poderosos que a igualdade de condições faz desaparecer.” (p. 176)

Tocqueville associa igualdade à democracia em várias passagens de seu texto, mas aqui implica que uma democracia teria de ter também liberdade para ser virtuosa. A igualdade, assim como a democracia uma tendência mundial impossível de deter, só se torna benéfica quando amparada pela liberdade, e as associações devem ser o carro-chefe na defesa desta última.

Como anteriormente, Tocqueville não é de todo claro e deixa margem para interpretações distintas e até contraditórias, ora dizendo que a igualdade gera a liberdade, ora dizendo que a destrói. O que parece é que Tocqueville acredita que só existe igualdade com liberdade se não houver individualismo.

A aristocracia que vem da indústria

“(…) à medida que se descobre de maneira mais clara que os produtos de uma indústria são tão mais perfeitos e tão menos caros quanto mais ampla a fábrica e maior o capital, homens muito ricos e muito esclarecidos se apresentam para explorar indústrias que, até então, tinham sido entregues a artesãos ignorantes ou desqualificados. (...)”

Assim, portanto, ao mesmo tempo que a ciência industrial rebaixa incessantemente a classe dos operários, ela eleva a dos mestres.

(...)

Portanto, o mestre e o operário não têm aqui nada de semelhante e cada dia diferem mais. (...) [Um] parece nascido para obedecer, como o outro para comandar.

O que é isso senão a aristocracia?” (p. 178)

“(…) se a desigualdade permanente das condições e a aristocracia algum dia adentrarem o mundo, pode-se prever que entrarão por essa porta.” (p. 179)

Tocqueville alerta para a desigualdade que pode nascer de relações específicas, saindo um pouco do campo da teoria das relações políticas para observar relações de trabalho.